



Fotos: Givaldo Barbosa

Na Escola Classe 25, Ceilândia, as torneiras dos bebedouros foram roubadas; o prédio da Escola Classe 05, Gama, apresenta problemas na estrutura e em outras a situação não é melhor

Estudar em escola pública virou drama

Luiza Damé

Falta de professores, equipamentos, água, material didático e de limpeza, prédios caindo ou inadequados, carência de vagas, turnos de apenas duas horas e insegurança. Essas são algumas das deficiências identificadas na rede escolar pública do DF e que acabam afetando tanto o trabalho dos professores como o rendimento dos alunos. Embora algumas regionais de ensino estejam conseguindo administrar os problemas, a maioria enfrenta sérias dificuldades para atender todos os alunos em idade escolar, havendo a necessidade de implantação do chamado terceiro turno ou até mesmo quarto.

Para evitar que o prédio do colégio literalmente desabasse sobre os alunos, a direção da Escola Classe 05, no Setor Oeste do Gama, foi obrigada a usar as instalações do Centro de Ensino 10, apenas na parte da tarde, com aulas de duas horas. A situação não está agradando aos pais e professores e muito menos aos alunos, que já fizeram uma manifestação pedindo a reforma do colégio. O prédio da Escola Classe apresenta problemas de estrutura, incluindo rachaduras nas paredes e piso, afundamento do telhado e forro, infiltrações, goteiras, defeitos na rede elétrica e portas quebradas.

A diretora da Escola Classe, Margarete Nasser Khoury, reconhece que a situação trará sérios prejuízos aos alunos, em especial aos do CBA (Ciclo Básico de Alfabetização) — que inclui as duas primeiras séries do primeiro grau —, mas destaca que “a outra situação era insustentável, pois não poderíamos esperar a escola cair”. Reforçando essa posição, a professora Ana Maria Buty, com 22 anos de magistério e que leciona para o CBA, disse que o aproveitamento dos alunos está sendo prejudicado, já que não há tempo para desenvolver todas as atividades. “Nem passar as lições no quadro estou podendo, porque eles são muito lentos”, ressaltou.

Aprendizado
Ao contrário do que se imagina, a redução no horário das aulas não agrada nem mesmo aos alunos. Clássio de Oliveira Bezerra, estudante da quarta série e um dos líderes da manifestação em favor da reforma da escola, lembrou que “a Escola Classe 5 estava acabada

para caramba, mas aqui é muito pior. A gente só tem duas horas de aula. Não dá para aprender nada”. Essa também é a preocupação da dona-de-casa Maria do Socorro Pereira da Silva — com dois filhos no CBA —, que acha que no final do ano “as crianças não vão saber nem mesmo colocar o nome num papel”. No Gama, mais três escolas estão funcionando em três turnos, cada um de três horas diárias, para atendimento de todas as crianças em idade escolar.

Apesar de não funcionar em três turnos, a Escola Classe 25, em Ceilândia, também está enfrentando dificuldades para atendimento dos alunos matriculados. Quatro turmas de CBA não estão tendo aulas porque os professores estão de licença-prêmio e até agora a Diretoria Regional de Ensino (DRE) — responsável pelo remanejamento de horários para suprir essas deficiências — não providenciou a substituição. A diretora de ensino da Ceilândia, Dora Viana Manata, explicou que “é muito difícil encontrar professor interessado em aumentar a carga horária por pouco tempo” — as licenças prêmio são de três meses.

No entanto, a carência de professores não é o único problema verificado na escola, cuja direção professores e alunos, há mais de um ano, sofrem com a falta de segurança, desde que o muro que protegia o colégio caiu. Segundo a professora Aparecida Bitencourt, “é comum os cachorros invadirem as salas de aula, enquanto estamos trabalhando”. Aparecida — que também possui um filho na escola — está participando da organização de um abaixo-assinado que já conta com mais de mil assinaturas e que será entregue à Fundação Educacional cobrando a reforma imediata da escola.

Roubo

As torneiras dos bebedouros da Escola Classe 25, após uma das muitas invasões que sofre por “desocupados”, conforme o secretário do estabelecimento, José Henrique Filho, foram roubadas diversas vezes e agora a direção optou por não as repor até que seja construído o muro novo. Um dos bebedouros foi retirado, após os funcionários terem encontrado pessoas tentando levá-lo. Além da falta de segurança, o prédio da escola precisa de reforma, devido a afundamentos no piso, vazamento na caixa de água e



Valdir Messias

Malva justifica que o turno de duas horas é melhor que o cancelamento das aulas

problemas de ventilação na sala.

Deficiências no sistema de ventilação, somadas ao material usado para construção do prédio (lata) e à constante falta de água, estão infernizando a vida de alunos, professores e funcionários da Escola Classe 01, da Vila Paranoá. “Na época do calor é insuportável dar aula aqui”, afirmou a professora Maria da Graça Nascente, explicando que “os meninos ficam impacientes, por causa do calor e da sede, baixando o rendimento”. Ela lembrou que até mesmo material didático que poderia agilizar o trabalho em sala de aula está faltando na escola, que mantém o terceiro turno para suprir a falta de vagas.

Além do calor, os alunos também reclamam da falta de conservação dos banheiros. “Os banheiros são fedorentos e sujos”, contou Gilvan de Azevedo Silva, estudante da terceira série. Segundo a coordenadora das terceiras séries, Luciana Rocha, os sanitários não são limpos porque falta material de limpeza no colégio.

Previsão de 105 reformas

O cronograma de obras da Fundação Educacional do DF elaborado no final do ano passado para ser cumprido neste, segundo prioridades estabelecidas pelas diretorias regionais de ensino — prevê a reforma de 105 estabelecimentos, sendo que a maioria está concentrada em Taguatinga, onde 24 escolas precisam ser recuperadas. A secretária de Educação, Malva Queiroz, disse que além dos recursos orçamentários — que ela não soube precisar o valor — está sendo

solicitada a suplementação de verba no valor de Cr\$ 300 milhões que serão aplicados na reforma dos prédios escolares.

Além de reforma, o programa de obras estabelece a construção de mais 46 colégios, num total de 491 salas, sendo que para Samambaia estão previstas 15 novas escolas — cada uma com oito salas de aula — das quais nove já estão sendo executadas pela Direção de Arquitetura e Engenharia da Fundação Educacional (L.D.)

AS OBRAS

Serviço	Nº de escolas
Construção	46
Ampliação	14
Conclusão	02
Reconstrução	15
Construção de muro	20
Construção de poços artesianos	15
Construção de depósito de gás	124
Reforma	105

Malva: no resto do País é pior

Embora a comunidade estudantil reclame com frequência das precárias condições das escolas da rede pública local, a secretária de Educação, Malva Queiroz, afirmou que “o quadro do DF é o melhor do País”. Segundo ela, dos aproximadamente 500 colégios do DF, apenas 20% ou cerca de 100 escolas — estão precisando de reformas emergenciais e três estão desativadas — Escola Classe 9 de Planaltina, Escola Classe 5 do Gama e Escola Normal de Ceilândia — por problemas estruturais, forçando a implantação de turnos de duas horas nas escolas vizinhas.

A redução do horário das aulas, na opinião da secretária, foi a melhor alternativa encontrada pela Fundação Educacional para providenciar a reforma dos prédios escolares, que se desgastam devido ao uso e às intempéries — como é o caso da Escola Normal de Ceilândia, que foi destelhada por um vendaval. “O turno de duas horas é menos prejudicial que o cancelamento de todas as atividades durante a reforma”, argumentou Malva.

A secretária reconhece que além do desgaste natural causado pelo uso intensivo das instalações, “ao longo dos anos não houve investimento na reforma dos prédios escolares, por falta de recursos”, — lembrando que as direções poderiam evitar que os prédios ficassem em situação precária. “Existem exemplos de escolas construídas na mesma época e área, com idêntico material e por uma única firma, que apresentam nível de destruição diferente”, justificou.

A conservação dos prédios escolares será motivo de campanha educativa a ser desencadeada pela Secretaria de Educação, dirigida à comunidade. Malva espera com isso “melhorar as condições físicas dos estabelecimentos”. No ano passado, 142 escolas foram reformadas, número considerado bom pela secretária.

A falta de professores, conforme a secretária, também não trará prejuízos aos alunos, pois já estão sendo chamados os profissionais concursados e concedida carga horária de 40 horas para quem quiser. O déficit foi causado pelas remoções, duplo emprego e licença-prêmio. (L.D.)

Guará é exceção dentro da rede

Enquanto em Taguatinga as escolas sem problemas são exceções, no Guará acontece o contrário: as que têm problemas são exceções. A avaliação é da diretora do Sindicato dos Professores (Sinpro), Lúcia Ivanov, confirmando a opinião da diretora regional de Ensino, Deomar Araújo Rezende, que diz que os problemas da Regional são “administráveis”.

O Guará possui 20 escolas públicas que atendem a mais de 18 mil alunos e são suficientes para cobrir toda a procura de vagas. Na regional, os colégios não possuem o chamado turno da fome, que funciona durante o horário de almoço, dividindo o período escolar diurno em três turnos. Conforme Deomar Araújo, durante o período de matrículas é feito um controle sistemático das vagas, para que possam ser abertas novas turmas ou deslocados os alunos excedentes para as unidades vizinhas.

Embora algumas escolas do Guará estejam com todas as vagas preenchidas, no cálculo final existem vagas em todas as séries e graus. Mesmo assim, a satélite possui o problema comum às demais



Arquivo 23/11/87

Ivanov confirma as melhores condições das escolas do Guará

cidadas do DF: falta de professores, apesar de ser somente para cobrir licença-prêmio e será resolvida com o remanejamento de horários.

Segundo Deomar Araújo, a “Regional é pequena e está bem servida de escolas, com prédios relativamente bem conservados”. O

levantamento feito na Diretoria Regional de Ensino aponta a necessidade de reforma de três unidades e a construção em alvenaria da Escola Classe 7, na QE 38. “No entanto, todos ainda estão em condições de atender aos alunos”, destacou Deomar Araújo (L.D.)